

Reflexões sobre as (im)possibilidades metodológicas e a necessidade da crítica no campo do Design

Reflections on methodological (im)possibilities and the need for critics in the field of Design

Antonio Carlos Porto Silveira Junior, Msc.

Professor Instituto Federal Sul-rio-grandense — IFSul — Pelotas-RS

antoniosilveira@ifsul.edu.br

antoniosilveirajunior@gmail.com

RESUMO

Os dilemas que se abrem, quando abordamos as problemáticas do *Design*, apontam para as metodologias e para os autores dos projetos como os primeiros objetos de investigação. Questionamos se as metodologias podem abarcar os desafios que se apresentam ao campo do *Design* já que são desenvolvidas, ensinadas e aplicadas sem o devido acompanhamento da crítica. Não seria incoerente que nós, professores de *Design*, ao revisar e aperfeiçoar determinadas metodologias fomentemos a ilusão de solucionar as grandes questões que se apresentam com ajustes metodológicos, e que, ao mesmo tempo cobremos um posicionamento crítico dos profissionais do campo profissional, no assim chamado “mercado de trabalho”?

Esse pequeno ensaio se refere à síntese de uma série de reflexões feitas a partir de debates promovidos no grupo de estudos GRUDAR, em que encontrei um espaço rico, crítico e fértil para o debate e a construção do conhecimento no campo do *Design*.

PALAVRAS-CHAVE

Campo do *Design*, Crítica do *Design*, Metodologias de projeto.

ABSTRACT

The dilemma when we approach Design questions, point to methodology and to the authors as the first survey objects. We argue if methodologies can cover the challenges shown on Design field since they are developed, taught and applied without its necessary critic review.

Would it not be incoherent that we, Design professors, while reviewing and enhancing certain methods instigate the illusion of the possibility of solving questions through methodological settings and, at the same time, we demand that professional designers working on labor market stand for or against those questions?

This small essay consists on the synthesis of a series of reflections carried out from debates held on the group of studies GRUDAR, where i found a rich, critic and fertile ground to debate and construction of knowledge in the Design field.

KEYWORDS

Design Field, Design Criticism, Design Methodology.

Reflexões sobre as (im)possibilidades metodológicas e a necessidade da crítica no campo do *Design*

Este ensaio se apoia em reflexões feitas em debates realizados pelo grupo de estudos GRUDAR – Grupo de Estudos em Design e Artesanato, do Laboratório de Representação Sensível, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. A partir de considerações sobre os conceitos de carência e necessidade, mundo das coisas e mundo dos homens, estranhamento e alienação, o grupo debateu sobre o papel do *designer* na crítica às metodologias de projeto. Inferiu-se que, o modo como são pensadas, ensinadas e aplicadas essas metodologias, apartadas de uma visão totalizante, corresponde a uma ingenuidade frente aos desafios colocados pelos problemas de projeto e que incidem na relação das pessoas com os objetos e serviços e nas relações sociais e culturais que se estabelecem na nossa sociedade.

Desde já, aponta-se para uma falência das metodologias no que elas prometem em termos de solução para os problemas decorrentes da produção de artefatos e serviços. Persiste, contudo, uma ilusão de que as metodologias de projeto podem resolver ou solucionar questões que estruturalmente são impossíveis de serem abarcadas na sua totalidade apenas por simples ajustes nos métodos ou processos. Cabe salientar que o *designer* atua em uma fração tão específica e especializada do processo de produção das mercadorias e serviços, que a sua atuação não pode assegurar a satisfação plena de necessidades prático-utilitárias ou de carências sociais, culturais ou espirituais, tanto de quem produz quanto de quem utiliza esses artefatos.

A crença depositada nas metodologias de projeto, acriticamente, pode, inclusive, ampliar esse mecanismo de ilusão do *designer*. Assim, frente a falência de um produto decorrente de um projeto no qual esteve envolvido, o *designer*, iludido, pode compreender o evento como um fracasso pessoal. Do mesmo

modo, pode perceber como mérito individual o sucesso comercial ou de recepção crítica de um determinado produto.¹

Por outro lado, pode parecer que a nossa própria crítica exagera desproporcionalmente na responsabilização dos *designers* pelo sucesso ou fracasso das mercadorias e serviços, que, como já mencionado, ultrapassam os limites próprios de uma profissão, atividade e disciplina que nasce com o capitalismo e com a divisão social do trabalho. A atividade do *designer* é inerente ao trabalho estranhado. É uma atividade alienada, portanto, das origens e dos destinos do seu objeto de trabalho.²

Não basta a afirmação de que o *Design* não resolve problemas. A questão é: quais são esses problemas e a quem interessa a resolução dos mesmos? Historicamente o *Design* nasceu na estrutura capitalista. Desde então, atende a essa estrutura e a todas as suas demandas. Logo, em alguma medida, ele é eficiente. Podemos discutir se não atende às reais demandas sociais e às necessidades das pessoas. Mas se nós enquanto sociedade não definirmos as nossas reais demandas e necessidades por que o *Design* o faria?

Obviamente, podemos criticar determinados atores no campo do *Design* por propagandear cinicamente o discurso de solução de problemas, enquanto que, no mais das vezes, omitem a que fração da sociedade, de fato, pertencem esses problemas e se dirige essa solução.

Não se trata de aplicar excessivo rigor ao trabalho dos *designers*. É comum que os economistas, por exemplo, dominem o debate sobre os grandes problemas do país, com grande destaque na mídia. Com frequência, assumem dominar, também, as soluções. Não são, contudo, criticados tão veementemente por nós ou apontados como responsáveis quando as consequências das suas

¹ A discussão em torno do campo do *design* foi discutida com profundidade recentemente na publicação de CIPINIUK, Alberto. **O campo do design e a crise do monopólio da crença**. São Paulo: Blücher, 2017.

² Para uma investigação profunda sobre a natureza contraditória da atividade projetual, que, inclusive, inspirou esse debate a partir do grupo de pesquisa, ver MATIAS, Iraldo. **Projeto e Revolução: do fetichismo à gestão**. Uma crítica à teoria do design. Florianópolis: Editoria Em debate, 2014.

decisões têm resultados catastróficos para a sociedade. Mas isso não muda o fato de que o exercício da crítica no campo do *Design* continua necessária.

É evidente que a ação política e o desenvolvimento de consciência crítica encontram limites na atuação profissional de um *designer*. Muitas vezes, esses profissionais possuem discordâncias com os objetivos e o *modus operandi* das empresas nas quais trabalham, mas, submetem-se por necessidade do próprio sustento. A precariedade das relações de trabalho impõe limites muito claros à crítica no ambiente de trabalho do campo profissional (nas empresas, indústrias, agências, escritórios etc.), onde operam a instabilidade, a coerção ou mesmo regras explícitas de conduta.

Para nós professores, colocar às claras, sobretudo para uma turma de ingressantes, tudo o que está por trás do trabalho de um *designer* pode dissipar a empolgação e o interesse dos alunos. Muitas vezes modular a crítica no sentido de, por um lado, esclarecer os limites inerentes à atuação do *designer* e por outro, não comprometer a interlocução com os alunos (e também pares e colegas) parece a coisa certa a fazer. Talvez se trate de adotar uma estratégia de não estabelecer um impacto de comunicação demasiado com os alunos a ponto de afastá-los de imediato, seja da crítica, seja do interesse pela profissão.

Algum desavisado pode pensar, apressadamente, que o ambiente dito acadêmico é mais fértil para a crítica do que o campo profissional dito “mercado de trabalho”, já que há mais estabilidade nos empregos e sobretudo porque a universidade e as instituições de educação são, ou melhor, deveriam ser, o lar da crítica e da intelectualidade, portanto, um espaço social aberto ao debate. Nada mais ilusório e equivocado.³

Por que projetamos?

Essa discussão me fez refletir acerca da minha própria trajetória acadêmica e profissional. Após a minha formação em Arquitetura e Urbanismo,

³ Conforme demonstrado em OURIQUES, Nildo; RAMPINELLI, Waldir. **Crítica à razão acadêmica**. Reflexões sobre a Universidade Contemporânea. Florianópolis: Insular, 2011.

tive a oportunidade de trabalhar em uma publicação, a convite de um ex-professor.⁴ O livro consistia em uma compilação de diversos artigos e materiais didáticos desenvolvidos ao longo de uma década e meia, a qual esse professor lecionou em uma disciplina de seminário de diplomação em que discutia questões de metodologia, teoria da Arquitetura e teoria do projeto. Apenas nesse momento pude imergir em leituras e discussões críticas acerca da atribuição profissional e dos mitos que envolvem o ensino (de projeto), algo que nunca foi tratado durante os anos de graduação.

A despeito das críticas, bem-humoradas, ácidas e irônicas, o livro apresenta a meu ver, certo otimismo, mesmo frente às contradições que se apresentam no campo profissional da área de ensino de projeto. Mostra que, contra o mito de que “a quem já sabe (ou já atua) não se precisa ensinar” ou até de “quem não sabe, não irá aprender...”, sutilmente difundido nas instituições de ensino, estudar teoria, alguns métodos consagrados, conhecer repertório e, principalmente, refletir sobre o fazer, pode tornar nossa atividade projetual (limitada de todos os modos, como já mencionado), pelo menos, possível.

Identificarmos as limitações que o capital e seus instrumentos impõem à nossa atuação, como professores e profissionais no campo do *Design*, pode nos fazer colocar em xeque todas as ilusões que foram construídas ao longo de anos, desde a nossa primeira formação, passando pelos cursos de pós-graduação até a nossa carreira profissional e acadêmica. Isso demanda que apontemos o dedo na ferida e coloquemos abaixo toda a construção ideológica que vem vencendo a disputa intelectual dentro das instituições de ensino e consolidando uma educação alienada. Estamos perdendo essa batalha. No lugar da crítica, domina a visão acadêmica, o cultivo da novidade, e o incentivo à importação de novos conceitos e de novos autores, na maioria das vezes europeus ou norte-americanos. O incentivo à individualidade, à produtividade e à competitividade sem limites, próprio do ambiente corporativo, é cada vez mais institucionalizado. A produção intelectual há muito deu lugar à produção

⁴ JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick; SILVEIRA JUNIOR, Antonio Carlos Porto; FERNANDES, Gabriel Silva. **É possível (aprender e ensinar a) projetar**. Projeto arquitetônico e urbanístico: orientações para o trabalho de curso. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009.

acadêmica, ou seja, passou a ser sinônimo de publicação de artigos em periódicos indexados com forte apelo a internacionalização do conhecimento, produzido em solo nacional, por estudantes e professores brasileiros, muitas vezes, financiados com dinheiro público.

Algumas das questões nacionais mais fundamentais como soberania científica, tecnológica, infraestrutura, modelos de desenvolvimento econômico e social etc., são completamente descartadas por um enfoque quase exclusivo nas discussões em torno de agendas do mercado corporativo, e também de outras que, a despeito de serem mais fundamentalmente vinculadas àquelas primeiras questões, são apresentadas de modo fragmentário, como é o caso das pautas, ditas, identitárias e ecológicas. A questão de classe se torna cada vez mais rarefeita, quando não considerada desatualizada pelos grupos ditos, ainda, progressistas.

Tudo isso para dizer que, sim, a batalha do ensino projetual de viés crítico é uma luta inglória, contra qual, qualquer tentativa de enfrentamento cobrará um preço alto. A consciência crítica do que nos move enquanto estudantes, *designers* e professores poderá cobrar caro do nosso prestígio social, da simpatia entre os pares e, obviamente, em termos de oportunidades profissionais. Essa luta deverá ser travada dentro do ambiente profissional ou apenas na atuação política (meios sindicais, partidários, de entidades de classe, movimentos sociais e populares etc.)? Não há resposta fácil para tal questão. É difícil comparar o espaço de debate que pode um *designer* estabelecer quando contratado por uma empresa (muitas vezes multinacional, cuja matriz encontra-se fora do país), na qual o profissional já ingressa dentro de uma estrutura extremamente afetada pela divisão internacional do trabalho. Além da cobrança por alto desempenho, há baixa remuneração e nenhuma garantia de manutenção no posto. Esse tipo de trabalho costuma colocar os profissionais sob alta pressão por metas, *performance* e cumprimento de tarefas cada vez mais desafiadoras e extenuantes que colocam a sua situação na empresa a prova a todo instante.

Também é importante mencionar a forte construção ideológica a partir de uma “re-educação” fora dos limites da instituição de ensino. Ocorre, dentro

das empresas, para além de treinamentos técnicos e de capacitação, uma série de cursos e eventos de viés empresarial, fortemente alicerçados na hierarquia e na descoberta de talentos gerenciais (muitas vezes a única forma de ascensão profissional), aos quais consistem, basicamente, na construção de mecanismos de controle de processos e, principalmente, de pessoal.

É claro que esse processo só pode ocorrer a partir de um investimento pesado na construção etnográfica de um aparato simbólico e de identidade que atrai os profissionais a um universo de espírito jovem e transgressor apoiado na indústria cultural e no consumo. Em alguma medida, ser um *designer* não é tão importante quanto parecer ou se comportar como um *designer*. Os processos de dominação da atividade produtiva no campo, a alienação, a exploração no campo do trabalho, e a impossibilidade profissional frente aos desafios da atualidade, são ocultados pelo verniz *hype* pós-moderno da música *pop*, da moda e da linguagem. Paradoxalmente, a construção de uma identidade com forte apelo ao individualismo, aparece como uma oportunidade de integração do jovem *designer* a um determinado grupo social e universo cultural.

Logo, podemos disputar a consciência crítica de um estudante em formação, mas, parece que será mais difícil exigir que um profissional, sobretudo em início de carreira, “compre a briga” no seu ambiente de trabalho, já que isso pode acarretar em prejuízos imediatos à sua vida profissional e pessoal de forma definidora. Nas universidades e instituições de ensino (principalmente as públicas) o debate também se encontra limitado e constrangido e não se pode dizer que há a mesma pressão por resultados, nem os mesmos riscos que no mercado de trabalho privado.

É comum que, nós, professores clamemos por liberdade de cátedra e de expressão, com receio de que nossa autonomia seja ameaçada pela crescente intenção de cerceamento e interferência da política conservadora na educação.

Mas, e quando esse silêncio se dá por parte dos próprios professores? Não me consta que, em tempos considerados mais brandos do ponto de vista político, a crítica tenha prevalecido. Acaso as disciplinas projetuais e de metodologia alertam para a necessidade de reflexão sobre o campo? Não se

trata de negar que existem pressões, perseguições, desprestígios e isolamento no ambiente acadêmico, por conta da tomada de posições ou estabelecimento da crítica como orientadora da prática pedagógica, profissional e acadêmica. Mas, se no campo da educação, nos furtarmos da nossa missão como educadores frente à necessidade urgente da crítica, então a derrota será total.

Pode aparentar arrogância e incoerência demonstrar a falência disciplinar no campo do *Design* e não apontar para “o que colocar no lugar” (a tão recorrente esquiva da exposição que, nós professores, sentimos quando nos defrontamos com a necessidade de propor, também, soluções). Ora, mas nosso receio em apontar caminhos possíveis também pode ser objeto da crítica.

Penso que o fato de as condições dentro do sistema impossibilitarem o *designer* de atuar com efetividade na totalidade estrutural do sistema e não como uma engrenagem, alienada do produto e processo dessa máquina, não pode nos impedir de criticar esse sistema e apontar para a falência do mesmo quando necessário. Pode parecer pouco, já que as soluções projetuais definidoras nos escapam tanto quanto o destino profissional dos nossos egressos. Mas se considerarmos que ainda estamos “remando contra a maré” e que o consenso liberal é dominante dentro do ambiente profissional e acadêmico, toda denúncia (bem embasada e também sujeita à crítica) das falácias que vêm sendo propostas em nome do *Design* será válida. Quando caem as ilusões podemos ver com mais clareza e, portanto, apontar novos caminhos, novas oportunidades e, mesmo, reforçar a consciência dos nossos limites.

Talvez a resposta completa para nossos dilemas esteja reservada a uma geração que virá a vivenciar tal processo revolucionário que qualquer comparação com a ordem atual não fará sentido. Até lá, atuamos. E como *designers e afins*, o nosso modo de olhar o mundo e de atuar em consequência será, em maior ou menor grau, atravessado por idiosincrasias que nos são próprias. Nesse sentido, não nos vejo como menos capazes do que outros profissionais de contribuir para promover a transformação do mundo num lugar melhor e menos desigual. Ampliar o exercício da crítica no ambiente educacional do *Design* pode parecer um pequeno passo, mas será fundamental

para a derrubada desse muro de ilusões que continua a se elevar à nossa frente e para a abertura de novos horizontes, de projeto e de atuação no mundo.

BIBLIOGRAFIA

CIPINIUK, Alberto. **O campo do design e a crise do monopólio da crença**. São Paulo: Blücher, 2017.

JANTZEN, Sylvio Arnaldo Dick; SILVEIRA JUNIOR, Antonio Carlos Porto; FERNANDES, Gabriel Silva. **É possível (aprender e ensinar a) projetar**. Projeto arquitetônico e urbanístico: orientações para o trabalho de curso. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2009.

MATIAS, Iraldo. **Projeto e Revolução: do fetichismo à gestão**. Uma crítica à teoria do design. Florianópolis: Editoria Em debate, 2014.

OURIQUES, Nildo; RAMPINELLI, Waldir. **Crítica à razão acadêmica**. Reflexões sobre a Universidade Contemporânea. Florianópolis: Insular, 2011.